



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**LETÍCIA IHORANI ALVES DIAS**

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA  
ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DE MORADORES DA COMUNIDADE  
DO CONJUNTO CEHAP, AROEIRAS-PB**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2022**

LETÍCIA IHORANI ALVES DIAS

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA  
ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DE MORADORES DA COMUNIDADE  
DO CONJUNTO CEHAP, AROEIRAS-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Linguística

**Orientador:** Prof. Dr. José Josemir Domingos

**CAMPINA GRANDE – PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D541p Dias, Leticia Ihorani Alves.  
Preconceito linguístico e variação linguística [manuscrito] : uma análise das percepções de moradores da comunidade do Conjunto Cehap, Aroeiras-PB / Leticia Ihorani Alves Dias. - 2022.  
36 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.  
"Orientação : Prof. Dr. José Josemir Domingos , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."  
1. Variações linguísticas. 2. Preconceito linguístico. 3. Sociolinguística. I. Título  
  
21. ed. CDD 372.6

LETÍCIA IHORANI ALVES DIAS

PRECONCEITO LINGUÍSTICO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA  
ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DE MORADORES DA COMUNIDADE DO  
CONJUNTO CEHAP, AROEIRAS-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística

Aprovada em: 9/12/2022

**BANCA EXAMINADORA**

*José Domingos*

Prof. Dr. José Josemir Domingos da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Hermano Aroldo Gois Oliveira*

Prof. Dr. Hermano Aroldo Gois Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Anderson Rany Cardoso da Silva*

Prof. Me. Anderson Rany Cardoso da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **DEDICATÓRIA**

*Ao meu esposo Leonardo e a minha filha  
Lorena, pela companhia, dedicação e carinho,  
DEDICO.*

## AGRADEDIMENTOS

Agradeço ao SENHOR JESUS CRISTO, por me ajudar a enfrentar cada obstáculo surgido durante o curso.

Aos meus pais, pelo incentivo, embora com as poucas condições financeiras sempre me incentivaram a buscar um futuro melhor.

Ao meu irmão Alex, que durante alguns momentos de dificuldade financeira, ajudava-me com dinheiro para as xerox e alimentação.

Ao meu esposo, Leonardo, que me deu forças e incentivos para prosseguir nos momentos de tristeza e desânimo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Domingos da Silva, que com muita paciência, atenção e carinho, conduziu-me na escrita deste trabalho com grande maestria.

Aos professores, Dr. Hermano Aroldo Gois Oliveira e Me. Anderson Rany Cardoso da Silva, por terem aceito o convite para composição da banca examinadora.

Às coordenadoras do Curso de Língua Portuguesa da UEPB, em especial à Prof. Dra. Dalva Lobão, pelos incentivo e empenho.

Aos professores do Curso de Língua Portuguesa da UEPB, que contribuíram por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe, pelos momentos de amizade e apoio.

## RESUMO

Partindo de reflexões das obras “A língua de Eulália: novela sociolinguística (2006)” e “Preconceito linguístico: o que é, como se faz (2015)”, do autor Marcos Bagno, o estudo aqui desenvolvido apresenta como objetivo principal realizar uma análise das percepções dos moradores da comunidade do Conjunto Cehap, localizada no município de Aroeiras – PB, acerca do preconceito linguístico que ocorre devido às variações linguísticas presentes nessa comunidade. Para tanto, o tipo de pesquisa realizada foi a pesquisa participante, com a coleta de dados sendo feita por questionários e gravações via celular. Além disso, foram utilizados como sujeitos da pesquisa dez moradores da comunidade, divididos em dois grupos, conforme as suas idades. A pesquisa mostrou que os moradores de menos idade já ouviram falar sobre a expressão preconceito linguístico, enquanto que os de mais idade, nunca ouviram mencionar. A maioria dos entrevistados dizem ter sido alvos de preconceito linguístico dentro da comunidade, nos locais de trabalho e até na escola, por pronunciarem palavras ou expressões consideradas “erradas”. O estudo mostrou também que os entrevistados que possuem maior grau de instrução (ensino médio ou superior) já ouviram mencionar acerca do preconceito linguístico advindo das variações linguísticas, afirmando que o não-conhecimento dessas variedades gera todo tipo de preconceito em relação à língua falada.

**Palavras-chave:** Variações linguísticas. Preconceito linguístico. Sociolinguística.

## **ABSTRACT**

Based on reflections from the work “The Eulália language: sociolinguistic novel (2006)” and "Linguistic prejudice: what it is, how it is done (2015)", by the author Marcos Bagno (2006), the study developed here presents as its main objective to carry out an analysis of the perceptions of the residents of the community of Cehap Set, located in the municipality of Aroeiras – PB, about the linguistic prejudice that occurs due to the linguistic variations present in this community. To this end, the type of research carried out was participant research, with data collection being done through questionnaires and recordings via cell phone. In addition, ten residents of the community were used as research subjects, divided into two groups, according to their ages. The survey showed that younger residents had already heard about the expression linguistic prejudice, while older residents had never heard of it. Most respondents say they have been targets of linguistic prejudice within the community, in the workplace and even at school, for pronouncing words or expressions considered wrong. The study also showed that respondents who have a high level of education (high school or higher) have already heard about the linguistic prejudice arising from linguistic variations, stating that the lack of knowledge of these varieties generates all kinds of prejudice in relation to the spoken language.

**Keywords:** Linguistic variations. Linguistic prejudice. Sociolinguistic.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 01</b> - Leitura de um código alfanumérico na BNCC para uma habilidade do Ensino Fundamental.....	16
<b>Imagem 02</b> - Leitura de um código alfanumérico na BNCC para uma habilidade do Ensino Médio.....	17
<b>Imagem 03</b> – Vista aérea da comunidade do Conjunto Cehap, Aroeiras – PB.....	23
<b>Tabela 01</b> - Síntese do questionário de natureza básica.....	23
<b>Gráfico 01</b> - Você já ouviu falar acerca de preconceito linguístico? .....	27
<b>Gráfico 02</b> - Você já sofreu algum tipo de preconceito linguístico? .....	28
<b>Gráfico 03</b> - Você já foi corrigido por alguém, em público, por pronunciar uma palavra ou expressão considerada “errada”? .....	29
<b>Gráfico 04</b> - Você já corrigiu alguém por falar uma palavra ou expressão que você identificou como “errada”? .....	29
<b>Imagem 04</b> - EMEF Tancredo Neves – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB .....	37
<b>Imagem 05</b> - Campo de Futebol – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB .....	37
<b>Imagem 06</b> - Quadra poliesportiva – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB .....	38
<b>Imagem 07</b> - Unidade Básica de Saúde (UBS) – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB ....	38
<b>Imagem 08</b> - Igreja Católica – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB .....	39
<b>Imagem 09</b> - Igreja Evangélica – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB .....	39
<b>Imagem 10</b> - Praça de lazer – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB .....	40

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	12
<b>3 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO</b> .....	13
<b>3.1 William Labov: o “pai” da Sociolinguística</b> .....	13
<b>3.2 Como é tratado o preconceito linguístico nas obras “A língua de Eulália: novela sociolinguística” e “Preconceito linguístico: o que é, como se faz” de Marcos Bagno</b> .....	14
<b>3.3 O que a BNCC tem a nos dizer sobre preconceito linguístico e variações linguísticas</b> .....	15
<b>3.4 O que dizem os teóricos acerca de preconceito linguístico e variações linguísticas</b> .....	19
<b>4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS</b> .....	22
<b>4.1 Um breve histórico da comunidade</b> .....	22
<b>4.2 Descrição das entrevistas</b> .....	23
<b>4.3 Análise das entrevistas</b> .....	27
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	33
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE NATUREZA BÁSICA E APLICADA</b> .....	35
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE CARÁTER PERCEPTIVO</b> .....	36
<b>APÊNDICE C - LOCAIS DE DESTAQUE DA COMUNIDADE</b> .....	37

## 1 INTRODUÇÃO

Você já foi corrigido em público por falar uma palavra diferente do português padrão? Você já foi questionado por alguém acerca de morar em um determinado lugar ou por possuir um sotaque diferente? Infelizmente, situações como essas podem ser encontradas diariamente em qualquer lugar, como pode ser visto na cidade de Aroeiras-PB, local que possui diversas variações linguísticas, a depender das comunidades as quais nos dirigimos.

Inicialmente, para se falar em variedades linguísticas, que é um fato social, é imprescindível citar o precursor da Sociolinguística, William Labov, o qual desenvolveu pesquisas relacionadas à variação e mudança linguísticas, ou seja, o mesmo se preocupou em estudar a evolução das variações dentro da sociedade. Dentre as suas diversas obras, pode-se citar *Sociolinguistic patterns (Padrões Sociolinguísticos, 1972)*, que busca refutar consistentemente a classificação milenar das formas linguísticas em “certas” e “erradas”, provando que a “língua padrão”, designada, aqui no Brasil, de “norma culta”, resume-se em uma construção sociocultural e ideológica, que nada tem de “bom”, “bonito” ou “elegante”, reflete tão somente o modo de falar imposto pelas classes dominantes.

Diante disso, a fim de estudar essas variações, nada mais necessário do que observá-las dentro do contexto de uma comunidade. No Conjunto Cehap, comunidade pertencente ao referido município paraibano, é possível encontrarmos diversas variações linguísticas, tendo em vista que os moradores que a compõem, são advindos de diversas partes do município, de outros municípios da Paraíba, bem como dos estados de Pernambuco, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. Diante disso, pode ser observada uma gama de misturas culturais e linguísticas, que acabam sendo reveladas no ato de comunicação entre esses moradores.

É importante salientar também o quanto essas variações vão se modificando, a depender da idade ou do grau de instrução de determinada pessoa, como por exemplo, ao compararmos o modo de falar de uma pessoa idosa com outra mais jovem ou entre pessoas que possuem grau de instrução distintos.

Diante disso, pretende-se, através dessa pesquisa, intitulada “Preconceito linguístico e variação linguística: uma análise das percepções de moradores da comunidade do Conjunto Cehap, Aroeiras-PB”, partindo de reflexões das obras *A língua de Eulália: novela sociolinguística* e *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, do autor Marcos Bagno, realizar uma análise das percepções dos moradores acerca do preconceito linguístico que ocorre devido às variações linguísticas presentes nessa comunidade.

Dessa forma, a pesquisa será desenvolvida a partir das seguintes questões norteadoras: Quais as percepções dos moradores acerca das variações linguísticas existentes nessa localidade?; De que maneira essas variedades linguísticas se tornam alvo de preconceito nessa comunidade?; Em que medida esse tipo de preconceito afeta os falantes do português dessa comunidade?.

Na busca de responder a esses questionamentos nos pautamos nos seguintes objetivos específicos: I) investigar as percepções dos moradores dessa comunidade acerca das variações linguísticas existentes; II) compreender de que forma essas variações linguísticas se tornam alvos de preconceito linguístico nessa comunidade; III) refletir sobre o modo como esse tipo de preconceito linguístico afeta os falantes do português dessa comunidade.

Com isso, ao refletir sobre esses aspectos, percebe-se que, por algumas vezes, o preconceito linguístico contribui para que esses moradores vejam seus modos de falar como sendo algo errado, e que, por certas vezes, vêm com a justificativa de falta de estudo, só que, sabemos que a variação linguística não advém apenas disso, mas que, existe todo um contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido.

Em sua obra *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (2015), Marcos Bagno salienta que há uma forte necessidade em se lutar contra as mais variadas formas de preconceitos, em especial, aqueles que envolvem o uso correto da língua, mostrando que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, sendo apenas frutos da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica de classes dominantes. (BAGNO, 2015).

O referido autor afirma ainda que, apesar dos esforços em combater esses preconceitos, infelizmente essa tendência não contempla os preconceitos linguísticos, os quais estão bem presentes no dia-a-dia da sociedade brasileira. De acordo com Bagno, esses tipos de preconceitos são alimentados diariamente, através de programas de televisão e de rádio, em colunas de jornais e revistas, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos (BAGNO, 2015).

Por ser moradora do conjunto Cehap, comunidade pertencente ao município de Aroeiras-PB, a idealizadora dessa pesquisa, pôde perceber que nela existem muitas variações linguísticas, as quais, por muitas vezes, tanto as formas de variações quanto os próprios falantes, tornam-se alvos de muitos preconceitos, entre os próprios moradores. Diante disso, a partir das leituras e das reflexões feitas acerca das obras *A língua de Eulália: novela sociolinguística* (BAGNO, 2006) e *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*

(BAGNO, 2015), aguçou-se o desejo de estudar as percepções das variações linguísticas dessa comunidade, procurando especificar em que medida isso afeta os falantes do português e como pode-se desmistificar esse tabu, além disso, compreender como se manifestam essas variedades linguísticas nessa comunidade.

Nesse sentido, essa pesquisa torna-se de fundamental importância para os dias atuais, em especial, porque apresenta conceitos da Sociolinguística, que compreende “uma área de estudo e investigação do fenômeno linguístico em seu contexto social e cultural, em situações reais de uso dentro da comunidade linguística” (REIS; MACHADO; BARBOSA, 2011, p. 3).

Além disso, após serem feitas as análises das percepções dos moradores dessa comunidade, espera-se que o trabalho possa contribuir para um melhor entendimento dos diferentes tipos de variações linguísticas presentes num determinado grupo cultural, contribuindo para uma melhor reflexão acerca da prática pedagógica de professores em geral e, particularmente, de professores de língua portuguesa.

O referencial teórico para esta pesquisa será constituído por autores que enriqueceram a pesquisa e nos ajudaram a entender esse fato social que é a língua. Nessa perspectiva autores como Aragão (2010); Bagno (2006; 2015); Coelho *et al.* (2012); Labov (1972); Rebouças e Costa (2014); Reis, Machado e Barbosa (2011); Rique (2012); Rocha (2021) foram utilizados como base teórica a fim de compreendermos o fenômeno das variações linguísticas existentes em uma determinada comunidade. Além desses referenciais, foi utilizada também a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) com o intuito de analisarmos como é apresentado o conteúdo de variações linguísticas em um currículo nacional.

Para realizar a análise em consonância com os objetivos elencados neste trabalho estruturamos o texto em três seções. Na primeira seção, intitulada *Metodologia*, tem-se a apresentação dos caminhos metodológicos utilizados no estudo, a abordagem de pesquisa utilizada e a forma como ela foi se construindo. Já na segunda seção, *Desenvolvimento teórico*, apresenta-se um breve apanhado acerca do preconceito linguístico e das variações linguísticas. Por fim, na terceira seção intitulada *Descrição e análise das entrevistas*, tem-se um breve relato histórico de origem da comunidade, bem como as descrições e análises das entrevistas realizadas com dez moradores, evidenciando as percepções que eles têm acerca de preconceito linguístico e variedades linguísticas.

## 2 METODOLOGIA

A abordagem de pesquisa utilizada nesse estudo, quanto aos procedimentos técnicos, é do tipo pesquisa participante, que pode ser definida como aquela que se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas (PRODANOV; FREITAS, 2013). Já com relação à abordagem do problema e aos objetivos, trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, que analisou as percepções dos moradores do Conjunto Cehap, localizada no município de Aroeiras – PB, acerca do preconceito linguístico advindos das variações linguísticas existentes nessa comunidade.

Inicialmente o estudo consistiu em um levantamento de material teórico, para que se pudesse realizar a fundamentação do trabalho, definindo os teóricos para embasamento das análises das percepções dos moradores. Dessa forma, tal busca por material teórico ocorreu de modo virtual, pelo buscador *Google Acadêmico*, *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), pelo banco de dados de revistas acadêmicas; além disso, a partir de busca no Repositório Institucional da Universidade Estadual da Paraíba (*Dspace* UEPB).

A fim de obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada nesse estudo, foram selecionados dez moradores da comunidade para serem entrevistados, sendo cinco pessoas, com idades entre 18 e 35 anos, e cinco, com idade entre 40 e 75 anos, em que elas puderam expressar suas percepções acerca da temática preconceito linguístico e variações linguísticas.

Segundo informações de alguns moradores, a comunidade tem mais de quarenta anos de existência. Nesse sentido, a escolha dos entrevistados a partir dessas faixa-etárias, buscou compreender como os jovens e as pessoas de mais idade percebem as variações linguísticas como alvo de preconceito linguístico na comunidade.

Como instrumentos de coletas, utilizou-se questionários e gravações via celular, a fim de registrar as informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. Foram aplicados dois questionários: um de natureza básica e aplicada (ver Anexo A), visando adquirir conhecimentos acerca da trajetória desses moradores na comunidade, e outro de caráter perceptivo (ver Anexo B), buscando descrever as percepções desses moradores a partir das variações linguísticas existentes na comunidade.

### 3 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

#### 3.1 William Labov: o “pai” da Sociolinguística

Até a década de 1960, o estruturalismo de Ferdinand de Saussure e o gerativismo de Noam Chomsky, eram as duas correntes teóricas de maior projeção dentro da linguística. Enquanto para Saussure a linguística tinha por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma, para Chomsky, o mais importante era o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais.

Diante disso, é notório observar que tanto a abordagem estruturalista quanto a gerativista consideravam a língua como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais (COELHO *et al*, 2012). A fim de trazer reação a essas duas correntes da linguística, desponta nos Estados Unidos, na década de 1960, a Sociolinguística, tendo como principal expoente William Labov.

Em seu livro *Padrões Sociolinguísticos* (Sociolinguistic patterns, 1972), Labov apresenta os principais postulados teóricos e a metodologia de trabalho empírico com a linguagem dessa nova proposta, questionando e propondo um novo olhar sobre a estrutura das línguas e especialmente sobre os fenômenos da variação e da mudança linguísticas (COELHO *et al*, 2012). Conforme já adiantamos inicialmente, a proposta teórico-metodológica de Labov surge como uma reação aos modelos saussureano e chomskiano.

A principal crítica de Labov às ideias de Saussure reside no fato da:

[...] separação estabelecida por ele entre langue e parole e entre sincronia e diacronia, e também o fato de Saussure desconsiderar os fatores externos à língua ao defini-la como um sistema de signos que estabelecem relações entre si. Em última instância, Labov posiciona-se contra a primazia dos estudos imanentes da língua (COELHO *et al*, 2012, p. 21).

Já em relação a Chomsky, a visão de Labov apontava para o fato de que a:

Busca por julgamentos intuitivos homogêneos é falha. Os linguistas não podem continuar a produzir teoria e dados ao mesmo tempo. Para lidar com a língua, é preciso olhar para os dados de fala do dia a dia e relacioná-los às teorias gramaticais o mais criteriosamente possível, ajustando a teoria de modo que ela dê conta do objeto (COELHO *et al*, 2012, p. 22).

Diante disso, fica evidente que o ponto principal na abordagem proposta por Labov é a presença do componente social na análise linguística (COELHO *et al*, 2012). Assim, a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala.

É a partir da inserção Sociolinguística no quadro mais amplo de interesses da linguística

que fica comprovada a íntima relação existente entre língua e sociedade. Diante dessa constatação, fica evidente que o acúmulo em teoria e em pesquisas da Sociolinguística pode nos ajudar a compreender melhor um fenômeno social: o preconceito linguístico (COELHO *et al*, 2012).

### **3.2 Como é tratado o preconceito linguístico nas obras *A língua de Eulália: novela sociolinguística* e *Preconceito linguístico: o que é, como se faz***

A obra *A língua de Eulália: novela sociolinguística* (2006), retrata a história de uma professora universitária, por nome Irene, de uma empregada amiga, chamada Eulália, e de três estudantes universitárias que resolvem passar férias na chácara da professora. Em contato sempre com Eulália, as três estudantes começam a perceber o modo diferente de Eulália falar, e começam a ficar intrigadas, pois, segundo a gramática, são formas de dizeres não padrão, ou seja, erradas. Dessa maneira, as alunas ficam surpresas e, em conversa com Irene, elas começam a refletir sobre o que até então elas julgavam errado, que seriam formas diferentes de se pronunciar certas palavras e que não podem ser vistas como erradas.

Assim, a professora Irene chama a atenção das alunas sobre a formação do português brasileiro, que consiste na mistura de vários outros idiomas e dialetos que são diversos e variáveis. Prosseguindo em sua explicação, a professora salienta que devido à norma culta, existem muitas desigualdades entre o português padrão e não padrão, trazendo consigo alguns preconceitos sociais, em que não se destaca a diferença linguística, mas sim as diferenças sociais.

Diante disso, cabe a questão: o por que da existência das variações linguísticas? Para Bagno *apud* Wardhaugh:

Enquanto os dialetos regionais são geograficamente baseados, os dialetos sociais, originados entre os grupos sociais dependem de uma série de fatores, sendo os principais deles aparentemente pertencentes à classe social, a religião e à etnicidade ( BAGNO *apud* WARDHAUGH, 2015, p. 46)

Esse fator ocorre não somente por questões sociais, mas também vai ao encontro da cultura do falante, e sua religião, além disso, também tem relação direta com o seu grau de escolaridade.

Já em sua obra, *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz* (2015), Marcos Bagno apresenta uma abordagem acerca das variadas formas da língua portuguesa enumeradas em oito mitos, que fazem menção à gramática normativa, tida como correta, onde se destaca que não

existe o certo e o errado, e sim uma variação de usos da língua, afirmando, ao mesmo tempo, que quando se aceita somente o português padrão como correto, estamos ao mesmo tempo colaborando com a ideia de exclusão social.

No “Mito Nº 7”, por exemplo, em que Bagno ressalta que “é preciso saber gramática para falar e escrever bem” e de fato, é verdade, pois nas escolas é o lugar onde o aluno vai ter contato com a gramática, e, a partir dali, ele vai aprender suas regras e concordância, pois em suma, a escola tem um poder influenciador.

Apesar dessa pesquisa não ter foco no contexto de ensino, a seguir, faremos uma breve apresentação de como é abordada, nas orientações da BNCC, a questão do preconceito linguístico e das variações linguísticas, a fim de compreendermos o enfoque dessa temática em um currículo nacional.

### **3.3 O que a BNCC tem a nos dizer acerca de preconceito linguístico e variações linguísticas**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Seu principal objetivo é dar sustentação na qualidade da educação no país por meio do estabelecimento de um patamar de aprendizagem e desenvolvimento a que todos os alunos têm direito (BNCC, 2018).

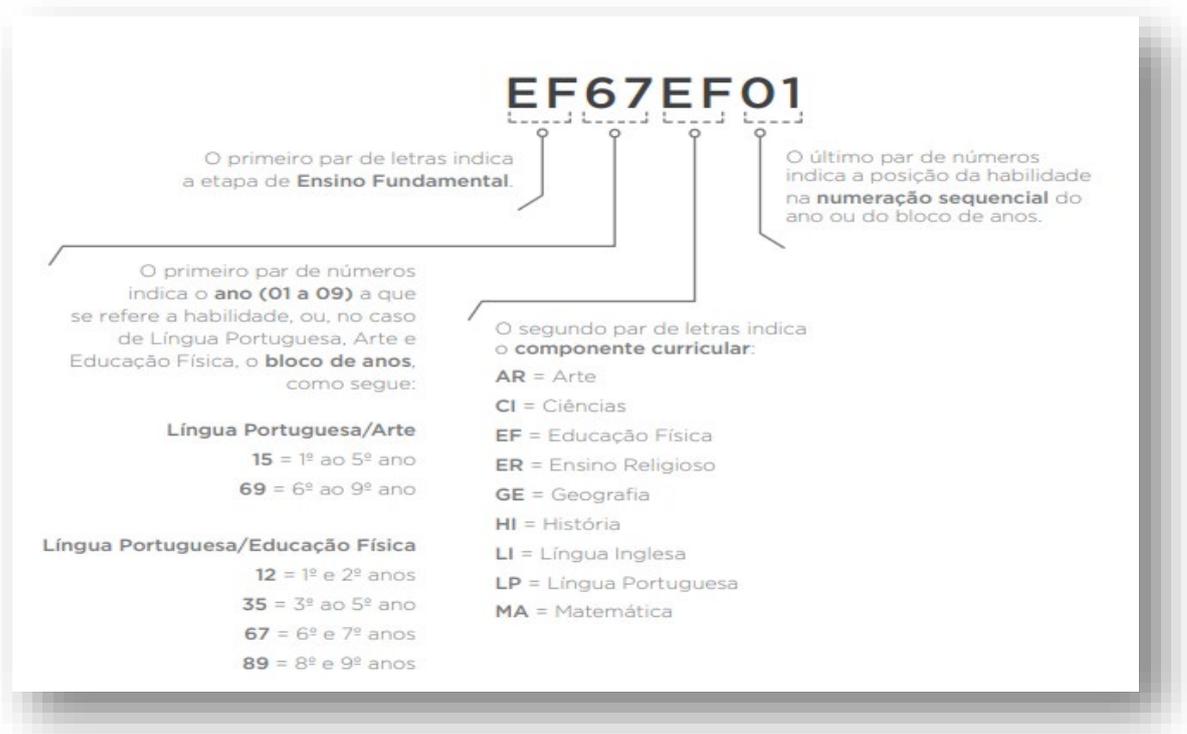
Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a BNCC deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil.

A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Na BNCC, competência é definida como a “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BNCC, 2018, p. 8). Já as habilidades, “expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares” (BNCC, 2018, p. 29).

Na BNCC, os quadros que apresentam as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades definidas para cada ano (ou bloco de anos), cada habilidade é identificada por um código alfanumérico cuja composição é a seguinte:

**Imagem 01:** Leitura de um código alfanumérico na BNCC para uma habilidade do Ensino Fundamental.

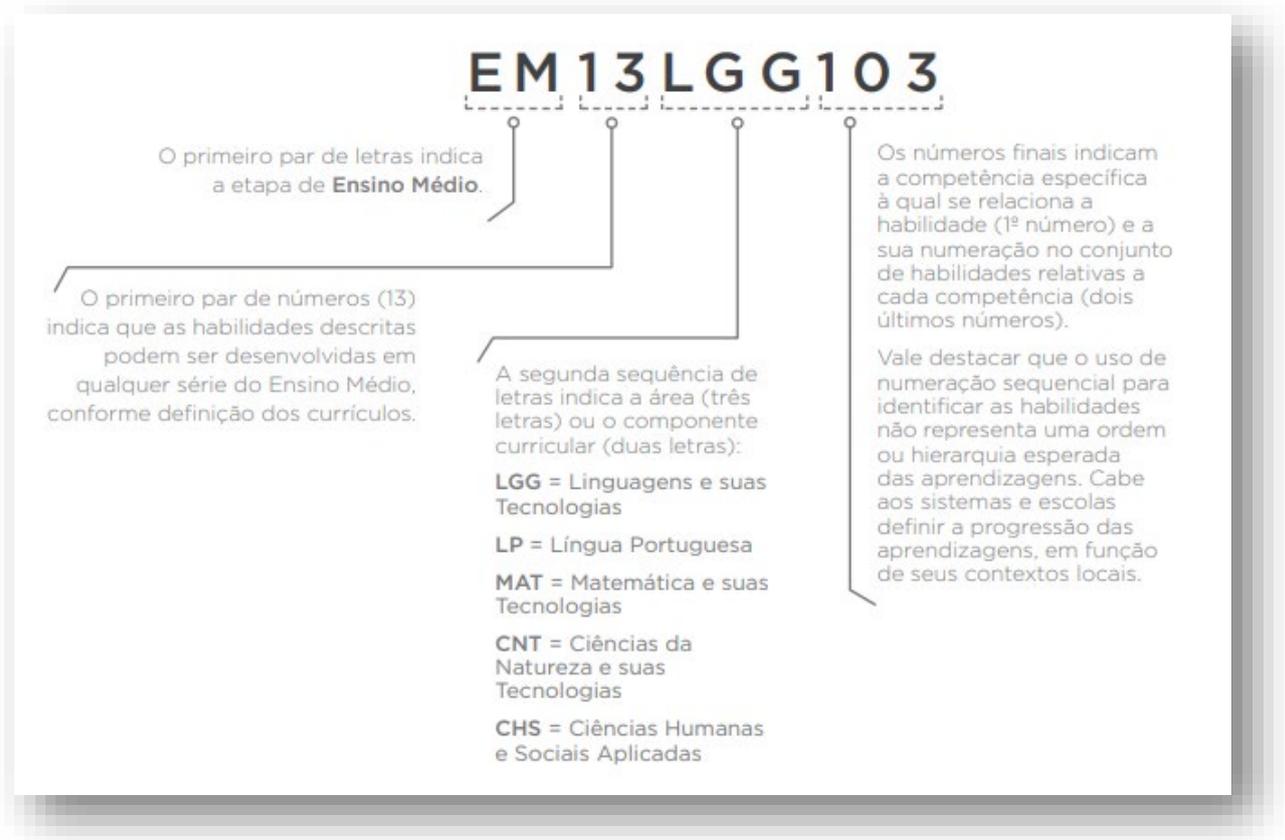


**Fonte:** Captura de tela (BNCC, 2018, p. 30).

Segundo esse critério, o código EF67EF01, por exemplo, refere-se à primeira habilidade proposta em Educação Física no bloco relativo ao 6º e 7º anos, enquanto o código EF04MA10 indica a décima habilidade do 4º ano de Matemática.

Já o código EM13LGG103 (ver imagem 02), refere-se à terceira habilidade proposta na área de Linguagens e suas Tecnologias relacionada à competência específica 1, que pode ser desenvolvida em qualquer série do Ensino Médio, conforme definições curriculares.

**Imagem 02:** Leitura de um código alfanumérico na BNCC para uma habilidade do Ensino Médio.



**Fonte:** Captura de tela (BNCC, 2018, p. 34).

Também é preciso enfatizar que a organização das habilidades do Ensino Médio na BNCC (com a explicitação da vinculação entre competências específicas de área e habilidades) tem como objetivo definir claramente às aprendizagens essenciais a ser garantidas aos estudantes nessa etapa.

A BNCC do Ensino Médio apresenta em seu texto, no bloco Linguagens e suas Tecnologias no ensino médio: competências específicas e habilidades, como competência específica 4, nessa etapa de escolaridade, o aluno deve:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza (BNCC, 2018, p. 484).

O documento salienta ainda que: “Essa competência específica diz respeito à compreensão e análise das situações e contextos de produção de sentidos nas práticas sociais de linguagem, na recepção ou na produção de discursos, percebendo conflitos e relações de poder que as caracterizam” (BNCC, 2018, p. 484).

Já no bloco “Práticas de leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica, o documento apresenta como habilidade:

Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos (BNCC, 2018, p. 500).

Nesse sentido, pode-se perceber que o documento da BNCC preconiza que o trabalho com a Língua Portuguesa, nessa etapa de escolaridade, visa alcançar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos. Ao analisarmos a habilidade EF69LP55 (que corresponde ao ensino de Língua Portuguesa, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental) ela diz que é necessário reconhecer as variedades da língua e o preconceito linguístico existentes, não se desviando dele ou julgando como errado, pois desta forma ocorre um juízo de valor que acaba desmerecendo a variedade. Em suma, as variedades linguísticas se fundamentam nas necessidades comunicativas e cognitivas do falante.

Diante disso, entende-se que o falante deve ser livre e cabe até certo ponto as escolas ensinarem ao alunado que isto é um fato social existente, pois o período da escola é onde o aluno vai ter experiência social e momentos de interações, a partir daí, ele irá ter contato com pessoas de culturas diferentes e descobrir que as diferenças de fala existem.

Dessa forma, quando o aluno interage com as diversas culturas existentes no ambiente escolar, ele tende a obter conhecimentos e a desenvolver suas habilidades cognitivas, como por exemplo, a habilidade EM13LP10 (que corresponde ao ensino de Língua Portuguesa, do 1º ao 3º ano do Ensino Médio), que está associada às diferentes dimensões da linguística, relacionada à regional, histórica, social, situacional etc., fazendo com que o aluno se situe no mundo das diferenças.

Assim, ao analisarmos o preconceito linguístico e as variações linguísticas presentes em um determinado contexto sociocultural, a partir das percepções de seus sujeitos constituintes, que é o objeto de estudo desta pesquisa, estamos dando ao aluno a oportunidade de compreender as diferentes dimensões da linguística, as quais são preconizada na BNCC.

Por outro lado, o estudo aqui realizado cria oportunidades para ser desenvolvido também em um contexto escolar, onde existe a presença de diversas variações linguísticas e que, por muitas vezes, são ignoradas por alunos e professores, sendo até alvo de preconceitos. Nesse sentido, cabe à comunidade escolar ter um olhar mais sensível para as variedades

linguísticas presentes em seu ambiente, oportunizando o estudo, o respeito e a conscientização da existência de tais variações.

### 3.4 O que dizem os teóricos acerca de preconceito linguístico e variações linguísticas

Marcos Bagno, em sua obra *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, salienta:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe *uma única* língua portuguesa digna deste *nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (BAGNO, 2015, p. 35).

Esse pensamento do autor se baseia na ideia equivocada de muitos ao afirmarem que: “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, a qual ele chama de “Mito Nº 1”. Segundo ele, esse é o maior e o mais sério dos mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. “Ele está tão arraigado em nossa cultura que até mesmo intelectuais de renome, pessoas de visão crítica e geralmente boas observadoras dos fenômenos sociais brasileiros, se deixam enganar por ele” (BAGNO, 2015, p. 16).

Já o “Mito Nº 2”, acredita que “o brasileiro não sabe falar o português”, tão somente pelo fato de não usar o português correto em todos os momentos comunicativos, ou seja, não utilizar da gramática em todas situações de fala, gerando assim a diversidade linguística existente. “Essas duas opiniões tão habituais, corriqueiras, comuns, e que na realidade são duas faces de uma mesma moeda enferrujada, refletem o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais “civilizado”. (BAGNO, 2015, p. 19).

Julgando assim, o Brasil seria um país subdesenvolvido, tão somente pela total diversidade linguística existente. Com isso, trazendo a visão que o país desenvolvido é aquele que fala o português padrão correto.

De acordo com Bagno, é a mesma:

[...] concepção torpe segundo a qual o Brasil é um país subdesenvolvido porque sua população não é uma raça “pura”, mas sim o resultado de uma mistura — negativa — de raças, sendo que duas delas, a negra e a indígena, são “inferiores” à do branco europeu, por isso nosso “povinho” só pode ser o que é. Ora, há muito tempo a ciência destruiu o mito da raça pura, que é um conceito absurdo, sem nenhuma possibilidade de verificação na realidade de nenhum povo, por mais isolado que seja (BAGNO, 2006, p. 20).

Dessa forma, ao pensar em mudanças, percebemos que ao longo tempo nosso jeito, modo de falar e costume advindos do nosso local de vivência, também mudam, tão somente por estarmos inseridos dentro de uma sociedade que está em constante transformação. Quando pensamos em sociedade e comparamos as pessoas de trinta anos atrás com as pessoas da atualidade, vemos que muitas mudaram, inclusive seus modos de fala, justamente pelo tempo e suas alterações.

Nesse sentido, ao pensar em preconceito linguístico, pensamos também em uma ideologia que acredita na língua pautada na gramática, mas, quando pensamos em variações, logo relacionamos com culturas. Assim, ao olharmos para dentro do Brasil, podemos enxergar a diversidade existente de culturas e costumes, e quando ignoramos essas culturas, estamos ao mesmo tempo “matando” a identidade de um povo, pois “O Brasil é um país diversificado, carregado de histórias e culturas que enriquecem nosso povo, assim como a língua. Esta variedade que forma o Brasil é o que deixa belo, sendo assim, por qual razão os falantes de variação linguística sofrem preconceito?” (ROCHA, 2021, p. 11).

Dessa forma, cabe-nos o seguinte questionamento: “Por que existe esse preconceito e de que forma ele se estrutura?” Assim, percebemos que quanto mais pobre, mais o indivíduo sofre o preconceito, tão somente pelas desigualdades sociais existentes, além disso, conforme salienta Rocha (2021):

O preconceito linguístico tem um fator importantíssimo, o fator socioeconômico e a desigualdade social. Por motivos econômicos, muitos brasileiros não possuem acesso à escola, por necessitarem trabalhar desde cedo ou por morarem em locais onde não possuem escolas nas proximidades e não terem como se locomoverem até uma escola mais distante. Por esta razão, surgiu um enorme abismo linguístico entre os falantes das variantes estigmatizadas e os falantes das variedades prestigiadas. Língua é poder, e os falantes das variedades prestigiadas sentem-se superiores, como se fossem melhores que os falantes das variantes estigmatizadas, por terem mais oportunidades.” (ROCHA, 2021, p. 11)

Pensando nisso, é interessante frisar que o preconceito linguístico “nada mais é do que um julgamento que menospreza as variedades linguísticas. Infelizmente, o que vemos é esse preconceito ser mantido cada vez mais através de programas de televisão, rádio, materiais didáticos e gramáticas normativas, que tentam propor o que é certo ou errado na nossa língua.” (RIQUE, 2012, p. 4 )

Com isso, pensamos de que maneira cabe ao falante menosprezar a cultura do outro e seu modo de falar, sendo que essas variações são cruciais e não devem ser desprezadas, pois é algo multimodal, ou seja, possui diversas formas.

## 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Antes de analisarmos as respostas dadas pelos entrevistados, faremos um relato acerca da origem da comunidade do Conjunto Cehap.

### 4.1 Um histórico da comunidade

Inicialmente, queremos destacar o porquê de o nome Cehap ser dado à comunidade e que prevalece até os dias atuais, apesar de já haver uma nomenclatura oficial, dada pela Câmara de Vereadores do município. O nome Cehap significa Companhia Estadual de Habitação Popular, que é um órgão do governo do estado da Paraíba, responsável pela construção de habitações populares. O nome oficial da comunidade é Conjunto Henrique Cavalcante, em homenagem a um ilustre morador da cidade de Aroeiras. Apesar do nome oficial, poucas pessoas da comunidade a utilizam, sendo a nomenclatura Conjunto Cehap mais utilizada pelos moradores e conhecida por toda a cidade.

De acordo com informações dadas por alguns moradores, a comunidade tem aproximadamente 42 anos. Infelizmente, não existe uma data certa de inauguração da comunidade, tendo em vista que após a construção do primeiro bloco de casas, houve uma invasão por alguns moradores devido ao tempo de espera pela inauguração.

A construção das primeiras casas foi idealizada pelo governador Tarcísio de Miranda Burity, tendo as contribuições do deputado estadual Dr. Waldir dos Santos Lima e de José Fernando Pedro de Melo, então prefeito de Aroeiras na época.

Segundo dados colhidos com a agente de saúde da comunidade, o Conjunto Cehap (ver imagem 03) possui 785 moradores, divididos em 390 domicílios. Ao longo dos anos, a comunidade tem se desenvolvido bastante, com a presença de uma escola (ver imagem 04), um campo de futebol (ver imagem 05), uma quadra poliesportiva (ver imagem 06), uma unidade básica de saúde (ver imagem 07), uma igreja católica (ver imagem 08), uma igreja evangélica (ver imagem 09), uma praça para lazer (ver imagem 10), água encanada e praticamente todas as ruas estão calçadas e possuem rede de esgoto.

**Imagem 03:** Vista área da comunidade do Conjunto Cehap, Aroeiras - PB

**Fonte:** Captura de tela em vídeo do Youtube. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=EZt8Z552BuY&t=37se>

#### 4.2 Descrição das entrevistas

Todas as entrevistas foram realizadas no dia 11/11/2022, nas residências dos respectivos informantes. Cada entrevista durou em média dez minutos e, a seguir, far-se-á o relato e análise de cada uma delas. Para uma maior compreensão dos relatos dos entrevistados e das análises das entrevistas, apresentamos a tabela abaixo, que apresenta de forma resumida os dados coletados no questionário de natureza básica.

**Tabela 01:** Síntese do questionário de natureza básica

Morador	Sexo	Idade (em anos)	Grau de instrução	Profissão	Tempo que mora na comunidade
A	F	33	M. Completo	Técnica de Enfermagem	5 anos
B	F	34	S. Incompleto	Cabeleireira	+/- 5 anos
C	F	21	M. Completo	Faxineira	21 anos
D	F	29	M. Incompleto	Faxineira	+/- 11 anos
E	M	70	F. Incompleto	Aposentado (Agricultor)	25 anos
F	M	19	M. Completo	Faxineiro	19 anos

G	F	72	M. Incompleto	Aposentada (Agricultora)	33 anos
H	F	48	F. Incompleto	Agricultora	23 anos
I	F	47	F. Incompleto	Agricultora	40 anos
J	M	63	F. Incompleto	Agricultor	34 anos

**Fonte:** Dados coletados com os entrevistados da pesquisa.

A primeira entrevista ocorreu com a moradora **A**, a qual tem 33 anos, possui Ensino Médio Completo, formada em Técnica de Enfermagem, e reside na comunidade há cerca de cinco anos. A entrevistada informou que já ouviu falar acerca de preconceito linguístico e que por diversas vezes já sofreu preconceito por seu modo de falar. Ela informou ainda que com frequência é corrigida por alguém, em público, por pronunciar uma palavra ou expressão considerada errada, em contrapartida, informou que não lembra de ter corrigido alguém por falar uma palavra ou expressão que ela identificou como errada. De acordo com a entrevistada, o preconceito linguístico é um fator que impede as pessoas de conseguirem emprego e passou a relatar fatos ocorridos em sua vida.

A moradora **A** recordou que, ainda na sua infância, sofria preconceito por parte da professora por falar algumas palavras, em que a mesma “engolia” letras ou as trocavam. A mesma trouxe à memória a palavra “três”, em que ele pronunciava “trêi”, trocando a consoante “s” pela vogal “i”, chegando a sofrer *bullying* na escola, passando a ser apelidada de “trêi”. Segundo a entrevistada, por passar esse constrangimento, teve que mudar de escola. Em seguida, ela relatou outro episódio de sua vida envolvendo preconceito linguístico, quando trabalhava em uma empresa de *telemarketing* e que, por ter um sotaque nordestino muito forte, foi demitida por falar palavras que as outras pessoas consideravam erradas.

A segunda entrevista foi realizada com a moradora **B**, que tem 34 anos, é cabeleireira, possui curso Superior Incompleto, e mora na comunidade por cerca de cinco anos e três meses. A informante já ouviu falar da expressão preconceito linguístico e já sofreu preconceito pelo seu modo de falar. Prosseguindo na entrevista, ela informou que nunca foi corrigida em público por pronunciar uma palavra ou expressão errada, mas, em momentos isolados e familiares, já foi corrigida. Ela relatou também que já corrigiu pessoas por falar uma palavra ou expressão que ela considerava errada.

A moradora **B** ainda relatou que a falta de escolaridade é um fator que acarreta o preconceito linguístico, e que isso advém da falta de conhecimento das variações linguísticas existentes dentro da comunidade, desde os seus primórdios.

A terceira entrevista foi realizada com a moradora **C**, que tem 21 anos, é faxineira,

possui Ensino Médio Completo e reside na comunidade desde o seu nascimento, ou seja, há 21 anos. A informante também já ouviu falar acerca da expressão preconceito linguístico e que, por muitas vezes, sofre preconceitos por seu modo de falar, destacando as palavras “bassôra”, “basculante” e “bulseira”. Destacou ainda que já foi corrigida em público por diversas ocasiões, mas que nunca corrigiu ninguém.

A moradora **C** salientou que, por falta de conhecimento de outras pessoas, alguns indivíduos sofrem preconceitos pelo seu modo de falar, contribuindo para que o mesmo não consiga vaga de emprego e seja desvalorizado.

A moradora **D** foi a quarta pessoa entrevistada. Ela tem 29 anos, possui Ensino Médio Incompleto, é faxineira, e reside na comunidade há cerca de onze anos. A informante relatou que já ouviu falar acerca da expressão preconceito linguístico e que, por diversas vezes, sofreu preconceito por seu modo de falar. Durante a entrevista, relembrou uma situação em seu local de trabalho, na cidade de São Paulo, em que foi corrigida em público. Em contrapartida, informou que nunca corrigiu alguém em público, pois, segundo ela, não gostaria de fazer com outras pessoas o que fizeram com ela.

Na opinião da moradora **D**, o preconceito linguístico afeta os falantes do português da comunidade por motivos de escolaridade, por não conseguir emprego, e por falta de conhecimentos.

A quinta pessoa entrevistada foi o morador **E**, que tem 70 anos, é aposentado como agricultor, e mora na comunidade há vinte e cinco anos. O entrevistado informou que não sabe o que é preconceito linguístico; após a documentadora explicar o significado da expressão para o entrevistado, o mesmo relatou que já sofreu muito preconceito linguístico pelo seu modo de falar. Destacou que nunca foi corrigido em público por falar uma palavra ou expressão considerada errada e que jamais corrigiu alguém. Relatou ainda que quando jovem, sofreu preconceito, na cidade do Rio de Janeiro, por pronunciar a palavra “precata”, referindo-se à alparcata. Depois desse episódio, ficou apelidado como “precata”, sofrendo constrangimentos pelos colegas de trabalho.

O morador **E** salientou ainda que considera o preconceito linguístico algo errado e que cada um tem o seu modo de falar.

O morador **F** foi a sexta pessoa entrevistada, o qual tem 19 anos, exerce a profissão de faxineiro, possui Ensino Médio Completo, e mora na comunidade há 19 anos. O entrevistado afirmou que já ouviu falar acerca da expressão preconceito linguístico, quando estudava o ensino médio e, após isso, não esqueceu mais. Em seguida, relatou que já sofreu preconceito pelo seu modo de falar, destacando também que já corrigiu outras pessoas por falar palavras ou

expressões consideradas erradas.

Prosseguindo a entrevista, o morador **F** salientou que “o falar errado impede as pessoas de conseguirem emprego, e que só pessoas que falam bem, conseguem oportunidades”.

A sétima entrevista ocorreu com a moradora **G**, que tem 72 anos, é aposentada como agricultora, possui Ensino Médio Incompleto, reside na comunidade há cerca de trinta e três anos. A entrevistada relatou que não conhecia a expressão preconceito linguístico, tendo a pesquisadora ter que explicar o termo para a entrevistada. Após a explicação, a informante relatou que já sofreu muito preconceito por seu modo de falar, sendo corrigida por diversas vezes em público, e corrigindo outras pessoas também, por falar alguma palavra ou expressão considerada errada.

A moradora **G** destacou que esse tipo de preconceito acontece por falta de estudo e afeta as pessoas, contribuindo para que elas não consigam emprego.

Dando continuidade às entrevistas, foi a vez da moradora **H**. Ela tem 48 anos, possui Ensino Fundamental Incompleto, é agricultora, e reside na comunidade há vinte e três anos. Após a pesquisadora ter explicado o significado da expressão preconceito linguístico, tendo em vista que a entrevistada não tinha conhecimento da expressão, ela relatou que por diversas vezes sofreu preconceito por seu modo de falar, sendo corrigida muitas vezes em público, mas que, por algumas vezes, corrige apenas o modo de falar dos filhos. Destacou ainda que esse tipo de preconceito “é uma forma prepotente de alguém querer ser mais inteligente do que o outro”, salientando que cada um tem o seu costume de falar certas palavras.

A moradora **I** tem 47 anos, é agricultora, e reside na comunidade há quarenta anos. A entrevistada não tinha conhecimento da expressão preconceito linguístico; após a explicação do significado pela pesquisadora, a mesma conseguiu assimilar, relatando que por muitas vezes sofreu preconceito linguístico por seu modo de falar, sendo corrigida em público por falar palavras ou expressões consideradas erradas. Relatou ainda que corrige seus filhos por pronunciar palavras que a mesma considera como erradas.

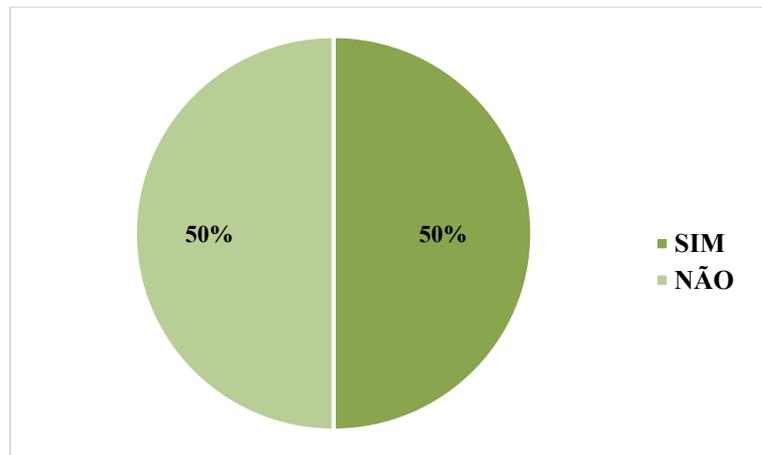
Já o morador **J** tem 63 anos, é agricultor, e reside na comunidade há trinta e quatro anos. O entrevistado nunca ouviu falar acerca da expressão preconceito linguístico, daí, após a explicação do significado do termo para o informante, passou a relatar que não tem lembrança de ter sofrido algum preconceito por seu modo de falar, além disso, destacou que nunca foi corrigido ou corrigiu alguém por falar uma palavra ou expressão considerada errada. Finalizando a entrevista, salientou que esse tipo de preconceito afeta a sociedade, a moral e a comunidade.

### 4.3 Análise das entrevistas

Ao analisarmos as entrevistas, pode-se perceber que os informantes mais jovens são conhecedores da expressão preconceito linguístico, e que já ouviram falar acerca do termo em algum momento de suas vidas, alguns nas escolas, outros na universidade, como é o caso da moradora B, que está cursando Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Em contrapartida, os informantes mais idosos relatam que nunca ouviram falar sobre a expressão preconceito linguístico, sabendo apenas informar o que era preconceito, mas linguístico, não sabiam. Com isso, foi preciso a pesquisadora explicar o significado da expressão, a fim de que eles seguissem com as respostas ao questionário.

**Gráfico 01:** Você já ouviu falar acerca de preconceito linguístico?



**Fonte:** Dados coletados com os entrevistados da pesquisa.

Por conseguinte, nove dos entrevistados informaram que em algum momento de suas vidas já sofreram preconceito linguístico pelos seus modos de falar, destacando palavras como “bassoura” (vassoura), “bulseira” (pulseira) e a palavra “basculante” que muitos a têm como errada, afirmando que o correto seria vasculhante. Apenas um dos informantes afirma que nunca sofreu nenhum de tipo de preconceito linguístico.

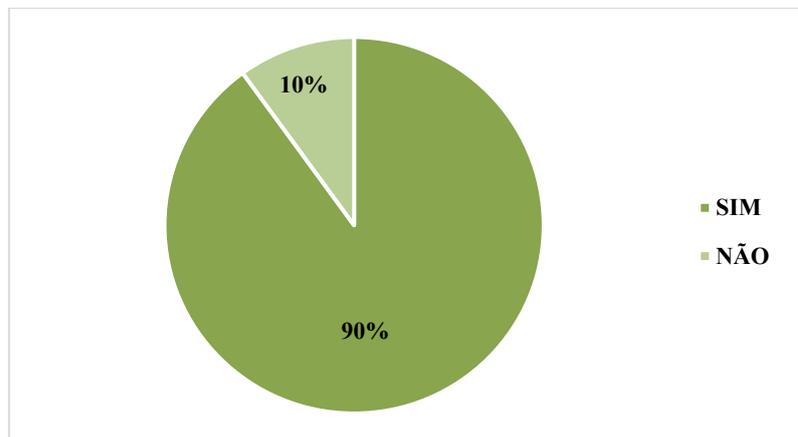
A mudança entre as consoantes /b/ e /v/ é conhecida na história do português como betacismo, que é fruto do contato de substrato do latim vulgar com os povos provavelmente autóctones da Península Ibérica, denominados bascos (SOUSA; SILVA; SAMPAIO, 2021). Apesar dessa troca configurar-se numa mudança histórica na língua, muitos falantes do português a avaliam negativamente, em especial quando se remetem às variações linguísticas presentes na fala do povo nordestino. Por exemplo, de acordo com Marroquim, o betacismo é

recorrente no falar de pessoas com pouca escolaridade na Região Nordeste, pois, segundo ele:

"o b não passa a v, senão, talvez em *gavar* e *desenxavido*. Não há sincretismo entre os dois fonemas [...], a mudança, aliás, vem da formação da língua: *vesicam*> *bexiga*; *vaginam*>*bainha*; *votum*>*bôdo*. Dizem os matutos: *barrer*, *bassôra*, *béspra* ou *bespra*, *berruga*, por: *varrer*, *vassoura*, *véspera*, *verruca*."(MARROQUIM,1996, p. 61).

Em sua obra *A língua de Eulália: novela sociolinguística* (2006), Marcos Bagno chama a atenção para a troca de algumas consoantes por outras, sendo comumente bem presentes durante a infância, momento em que a criança está aprendendo a falar, ou até mesmo presente em alguns adultos, devido a problemas fonoaudiológicos ou decorrentes de alguma síndrome ou transtorno.

**Gráfico 02:** Você já sofreu algum tipo de preconceito linguístico?



**Fonte:** Dados coletados com os entrevistados da pesquisa.

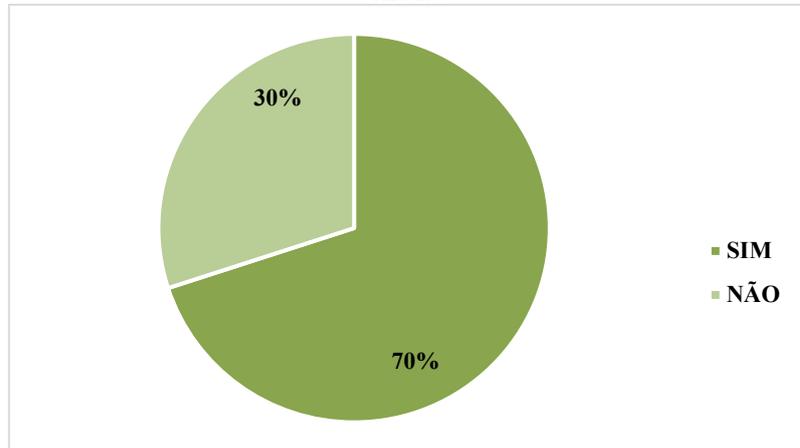
Por outro lado, nove dos informantes relataram que já foram corrigidos em público, alguns desenvolveram traumas dentro de si, tendo sido obrigados a abandonarem escolas e trabalhos, enquanto outros sofriam *bullyng* por pronunciarem palavras erradas, como “precata” (alparcata/alpargata), “trêi” (três) e “barrer” (varrer). Apenas um informante relatou que nunca sofreu nenhum tipo de constrangimento por seu modo de falar.

Este exemplo relatado pelo informante da pesquisa é um fenômeno importante observável no português falado: o processo fonológico da supressão de fonemas iniciais (tendência no falar popular). Aqui, o encurtamento de um polissílabo. Assim, /alpercata/ vira /precata/. Às vezes, a supressão é no meio da palavra. Dessa forma, /xícara/ passa a /xicra/.

Com isso, pode-se perceber o quanto algumas escolas e professores não estão preparados para trabalharem um tema tão importante e atual, como é o caso do preconceito linguístico e das variedades linguísticas. A escola, que deve ser um local onde as diferenças são

respeitadas, muitas das vezes é usada para aumentar mais os preconceitos de uma sociedade tão regida por padrões estabelecidos pela elite e por “normas cultas”.

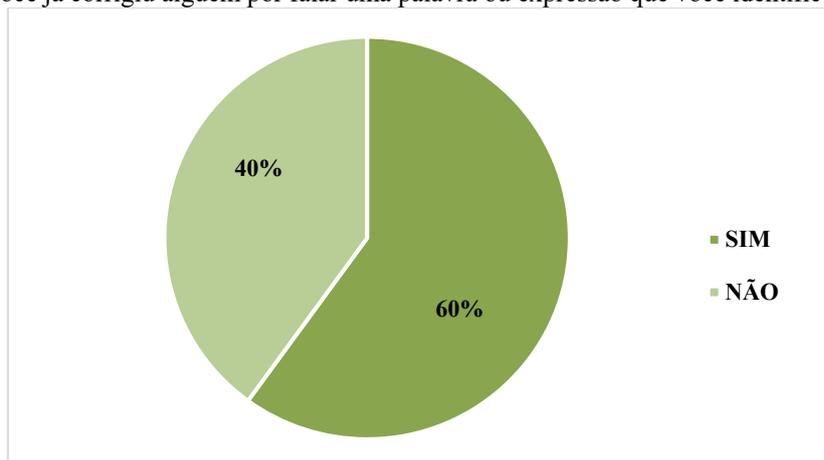
**Gráfico 03:** Você já foi corrigido por alguém, em público, por pronunciar uma palavra ou expressão considerada errada?



**Fonte:** Dados coletados com os entrevistados da pesquisa.

Como toda ação tem uma reação, a maioria dos entrevistados, por serem corrigidos em público, passaram a corrigir outras pessoas também. Alguns responderam que só corrigem os filhos, já outros corrigem pelas frustrações passadas. Já outra entrevistada relatou que não corrigia ninguém, pois não queria fazer com as pessoas o que já fizeram com ela.

**Gráfico 04:** Você já corrigiu alguém por falar uma palavra ou expressão que você identificou como errada?



**Fonte:** Dados coletados com os entrevistados da pesquisa.

Geralmente as atitudes de corrigir uma pessoa em público parte de uma pessoa que se acha dominadora da norma culta, da língua padrão vigente. Em se tratando da língua portuguesa, muitos desconhecem a construção de palavras ou expressões ao longo do tempo e, muitas vezes, fazem a correção sem o devido conhecimento da palavra, apenas porque a

pronúncia soa estranho do que a maioria pronuncia, como foi o caso da palavra “basculante” pronunciada por C. Sabemos que, pela norma culta, a grafia correta é basculante, nesse sentido, as grafias “vasculante” ou “vasculhante” estão erradas.

Já cinco dos informantes destacaram que o preconceito linguístico é um fator que impede as pessoas de conseguirem emprego, destacando que só quem tem oportunidades é quem fala bem e tem estudo. Um dos informantes destacou que o preconceito linguístico afeta a moral da comunidade, fazendo com que a mesma não seja vista com bons olhos. Dois deles destacaram ainda que esse tipo de preconceito é apenas uma mania de superioridade, enquanto que um deles afirma que o modo de falar errado é devido à falta de estudo, mas que também acontece por falta de conhecimento das variações linguísticas existentes dentro da comunidade.

Outro detalhe que nos chama a atenção é o tempo de permanência desses moradores na comunidade e as suas origens. Por exemplo, a moradora **A** nasceu praticamente dentro da comunidade, passando boa parte da sua infância nela, contudo, durante a adolescência, foi morar com uma tia na cidade de Recife, onde teve acesso a diversas variações linguísticas. É perceptível o seu sotaque de pernambucana ao pronunciar algumas palavras e ao mencionar certas expressões. “Já ouvi alguns moradores fazendo comentários preconceituosos devido ao seu modo de falar, dizendo que ela só queria ser carioca, puxando o s”.

Outro exemplo, é o da moradora **H**, que nasceu no estado da Bahia e se casou com um morador aroeirense, vindo morar na comunidade há 23 anos. A moradora **H** traz consigo diversos sotaques baianos e muitas vezes é considerada também como carioca, “puxando o s”.

Outros nasceram em outros estados, como os moradores **G** e **I**, que são de origem pernambucana. A maioria já teve acesso a outras culturas, tendo que sair da cidade de Aroeiras para irem trabalhar em outros estados, em especial, São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo os relatos dos informantes que tiveram que sair de Aroeiras para trabalhar em outros estados, ao falar em público ou se dirigirem a alguém para pedirem alguma informação, sentiam a indiferença das pessoas pelo sotaque nordestino. Contudo, o caminho inverso também é verdadeiro, pois quando chegam pessoas de outros estados pra morar na comunidade, como foi o caso de **H**, as pessoas tratam com indiferença também.

De acordo como Marcos Bagno, o preconceito linguístico é todo juízo de valor negativo, reprovação, repulsa ou mesmo desrespeito, às variedades linguísticas de menor prestígio social. Comumente, esse tipo de preconceito são dirigidos às variantes mais informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas, as quais têm menor acesso à educação formal ou têm acesso a um sistema educacional cheio de deficiências.

Na obra *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, o autor salienta que como todo

preconceito, o linguístico é a manifestação de um preconceito social, assim, ao ignorarmos o modo de falar de um indivíduo, não estamos ignorando a língua que o indivíduo fala, mas o próprio indivíduo. Nesse sentido, é preciso “respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano” (BAGNO, 2015, p. 140).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo, buscou-se analisar as percepções dos moradores da comunidade do Conjunto Cehap, localizada no município de Aroeiras – PB, acerca do preconceito linguístico advindos das variedades linguísticas presentes nessa comunidade. Partindo de reflexões das obras *A língua de Eulália: novela sociolinguística* (2006) e *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (2015), do autor Marcos Bagno, o estudo mostrou o quanto esse tipo de preconceito está enraizado em nossa sociedade e, nada melhor do que informação, para que se combata esse tipo de preconceito.

Com o estudo, ficou evidente que as pessoas mais jovens e com um certo grau de instrução já ouviram falar acerca da expressão preconceito linguístico e que já a estudaram durante a sua vida acadêmica. Já os mais velhos, nunca ouviram falar da expressão, só sabiam o que significava preconceito, mas preconceito linguístico, não.

A pesquisa mostrou também que por desconhecerem o fenômeno das variações linguísticas, o modo de falar das pessoas torna-se alvo de preconceitos numa mão dupla, pois como vimos, muitos dos entrevistados já sofreram preconceitos por seus modos de falarem, mas também já foram preconceituosos com outras pessoas. Através das entrevistas, vimos o quanto esse tipo de preconceito acarreta diversos prejuízos nas pessoas que são vítimas, que vão desde traumas até a dessocialização.

Vale salientar que mesmo os entrevistados em sua maioria não tendo sofrido o preconceito linguístico na comunidade (locus da pesquisa), os seus efeitos permanecem na vida desses moradores na vida que partilham neste lugar.

De acordo com os entrevistados, o preconceito linguístico afeta as suas vidas no momento de arrumarem emprego, pois, boa parte deles, sentiram a indiferença dos contratantes no momento das entrevistas. Além disso, poucas vezes se dirigem à pessoa pelo seu nome, mas sempre com termos pejorativos, tais como: “Paraíba”, “cabeça chata”, “pau de arara”, etc.

Por fim, o estudo mostrou a urgência de combatermos tal tipo de preconceito em nossa sociedade, comunidade, nosso lar. Nesse sentido, o papel da educação, da escola como local de construção de conviver com a diversidade linguística, deve ser o de promover respeito mútuo entre os diversos indivíduos que a frequentam.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M. S. S. Variantes Diatópicas e Diastrópicas na Língua Portuguesa do Brasil. **Graphos**, João Pessoa. Vol. 12, n. 2, Dez/2010.

BAGNO, M. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 215 p.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 56 ed. São Paulo: Parábola, 2015. 352 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília, 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 25 de ago. 2021.

COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012, 172 p.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2008, 392 p.

MARROQUIM, M. [1934] **A Língua do Nordeste**. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

REBOUÇAS, A. C. R. N; COSTA, A. **A Sociolinguística Variacionista: fundamentos, pesquisas, pontos críticos**. *Interletras*, volume 3, ed. 19, Abril, 2014 /Setembro, 2014.

REIS, P. C; MACHADO, D. P; BARBOSA, S. C. D. A. **A Sociolinguística e o ensino da língua materna**. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR. Curitiba, 7 a 11 de novembro de 2011. Disponível em: < [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5424\\_3186.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5424_3186.pdf)>. Acesso em: 27 de set. 2021.

RIQUE, I. T. C.; **Preconceito linguístico: sociedade, escola e o ensino de português**. 2012. 16 f. TCC (Graduação) – Curso de Letras, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, Paraíba. Disponível em: < <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1503/1/PDF%20-%20Itamara%20Jamilly%20Cavalcante%20Rique.pdf>>. Acesso em: 02 de set. 2022.

ROCHA, M. S. **A variação linguística no Brasil e o preconceito que seus falantes enfrentam**. 2021. 17 f. TCC (Graduação) – Curso de Letras, Centro Universitário Internacional Uninter. Curitiba, Paraná. 2021. Disponível: < <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/643/ROCHA%2c%20Maiane%20dos%20Santos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 de jul. de 2022.

SOUSA, C. C.; SILVA, J. K. A.; SAMPAIO, L. R. T. **Diálogos entre a Lexicografia Histórico-Variacional e o Ensino de Língua Portuguesa**. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS, Feira de Santana, n. especial, v. 22, p. 215-230. Disponível em: <

<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/7479>>. Acesso em: 26 de nov. de 2022.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE NATUREZA BÁSICA E APLICADA QUE FOI APLICADO COM OS MORADORES**

01. Qual o seu nome completo?

---

02. Qual a sua idade (em anos)?

---

03. Qual o seu grau de instrução?

Fundamental Incompleto

Fundamental Completo

Médio Incompleto

Médio Completo

Superior Incompleto

Superior Completo

Pós-Graduação

04. Há quanto tempo mora na comunidade?

---

05. Qual a sua profissão?

---

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE CARÁTER PERCEPTIVO QUE FOI APLICADO COM OS MORADORES**

01. Você já ouviu falar acerca de preconceito linguístico?

Sim

Não

02. Você já sofreu algum tipo de preconceito por seu modo de falar?

Sim

Não

03. Você já foi corrigido por alguém, em público, por pronunciar uma palavra ou expressão considerada errada?

Sim

Não

04. Você já corrigiu alguém por falar uma palavra ou expressão que você identificou como errada?

Sim

Não

05. Como falante do português, como você se vê e vê o outro, nos momentos de comunicação?

---

---

---

## APÊNDICE C – LOCAIS DE DESTAQUE DA COMUNIDADE

**Imagem 04:** EMEF Tancredo Neves – Conjunto Cehap – Aroeiras - PB



**Fonte:** Registro fotográfico da autora

**Imagem 05:** Campo de Futebol – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB



**Fonte:** Registro fotográfico da autora

**Imagem 06:** Quadra poliesportiva – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB



**Fonte:** Registro fotográfico da autora

**Imagem 07:** Unidade Básica de Saúde (UBS) – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB



**Fonte:** Registro fotográfico da autora

**Imagem 08:** Igreja Católica – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB



**Fonte:** Registro fotográfico da autora

**Imagem 09:** Igreja Evangélica – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB



**Fonte:** Registro fotográfico da autora

**Imagem 10:** Praça de lazer – Conjunto Cehap – Aroeiras – PB



**Fonte:** Registro fotográfico da autora